

RAÍZES

Seriado criado por
WAGNER JALES

Episódio escrito por
VANDERSON LUZ

Episódio 03
OLHOS DE GUERRA

Esse texto é propriedade de seu autor e da ONTV. Qualquer violação dele pode acarretar punição nos termos da lei de Direitos Autorais.

Tudo aconteceu quando um casal de indígenas sem filhos pediu ao deus Tupã que tornasse possível desejo de serem pais. O casal teve um menino bonito e saudável, estimado em toda a tribo. Invejoso de suas qualidades, Jurupari, o deus da escuridão, matou o menino. Assim, Tupã mandou que plantassem os olhos da criança para que deles nascessem uma planta. Seu fruto deveria ser dado para as pessoas comerem com o objetivo de lhes dar energia.

ELENCO

GIULLIA BUSCACIO como Amary

BRENO FERREIRA como Iguapé

TONY TORNADO como Pajé

REGINALDO FARIA como Fiallo

DAN FERREIRA como Iberê

RODRIGO SIMAS como Martim

MARIA MAYA como Tainá

CELSO FRATESCHI como Acássio

EMÍLIO ORCIOLLO NETO como Brandão

HENRI CASTELLI como Diogo

MARCOS WINTER como Jururapi

FLÁVIO GALVÃO como Tupã

01. EXT. AMBIENTE - NOITE.

LETREIRO: AMAZÔNIA, SÉCULO 17.

02. EXT. MATA - NOITE.

Uma moça de traços indígenas se banha no rio. Dá vários mergulhos, joga água pelo ar, mostrando grande intimidade com a natureza. Nenhum som no fundo, apenas o das águas e animais que estão por aquelas matas.

CORTA PARA: a moça saindo do rio. Os seios à mostra. De repente, um grande redemoinho começa a se formar no rio.

TENSÃO. A jovem olha, assustada. O redemoinho começa a ficar cada vez mais forte, como se estivesse puxando toda a água do rio. Tudo começa a balançar. A indígena começa a perder o equilíbrio. As árvores se movem.

É como se um terremoto se aproximasse. De repente, sai do meio do redemoinho uma enorme serpente. Ela se levantava, sob o olhar incrédulo da indígena. Era parecida como naja.

MOÇA

(gritando)

Ah! Ajuda! Socorro!

A jovem sai dali correndo, desesperada. A cobra volta para debaixo das águas. No rio sereno.

03. EXT. ALDEIA - NOITE.

CAM revela uma pequena clareira no meio da floresta com várias ocas em duas fileiras, uma de frente para a outra, com um espaço no meio. Ao redor, muita vegetação. Uma oca maior se destaca, está situada ao norte das demais.

Indígenas vêm e vão. Crianças correm e pulam em poças de lama. Mulheres estendem roupas em um varal improvisado. Alguns homens assam um porco espetado sobre uma fogueira.

Amary e Iguapé sentados no tronco de uma árvore. Ao lado, uma fogueira. Uma espiga de milho é assada, segurado por um tronco revestido com algum tecido firme.

Amary e Iguapé se olham, estão em clima de romance. Iguapé vira o milho, o outro lado começa a ser assado.

IGUAPÉ

Não vejo a hora de tu se tornar
minha mulher.

AMARY

Esse dia vai chegar. Amary há de
ser muito feliz quando tiver
Iguapé para marido.

Iguapé sorri. Acaricia o rosto de Amary.

IGUAPÉ

Tu me ama? Ama, Amary?

AMARY

Amo. Amo muito!

Iguapé e Amary se aproximam lentamente um do outro. Se beijam, lentamente.

04. EXT. MATA - NOITE.

AÇÃO. A indígena corre pelo meio da mata, desesperada. Ora olha para trás, ora olha para frente. Suor escorre da sua testa. A moça corre sem parar. Há pânico em seu olhar.

Nela apavorada.

05. EXT. ALDEIA - NOITE.

Amary e Iguapé se beijando lentamente. Clima romântico. Tempo. Afastam-se.

AMARY

(apontando)
O milho...

IGUAPÉ

Ah, já ia me esquecendo.

Iguapé tira o milho do fogo com cuidado. Senta-se novamente ao lado de Amary.

IGUAPÉ

A primeira mordida é toda sua,
meu amor.

No sorriso de Amary.

06. EXT. CASA DE FIALLO - VARANDA - NOITE.

Cercada por árvores, uma casa de barro se destaca no meio da paisagem. É pequena, simples, chão de terra, com uma porta e uma janela, além de um cômodo descoberto.

Fiallo sentado em uma cadeira feita de cipó na varanda da casa. Fuma um cachimbo, observa o horizonte. Martim vem do interior da casa, sem camisa, recém acordado.

MARTIM

Pai?...

FIALLO

Pensei que vosmecê só ia acordar
amanhã... Espero que já tenhas
pensado na estratégia.

MARTIM

É só nisso que penso, meu pai.

FIALLO

(ódio)
Eu quero invadir aquela aldeia.
(voz com mais força)
Quero capturar todos aqueles
bugres malditos!
(mais força e mais ódio)
QUERO QUE SE TORNEM MEUS
ESCRAVOS/

Engasgo. Fiallo engasga com a saliva. Arregala os olhos. Martim se aproxima, desesperado. Bate nas costas do pai. De dentro da boca de Fiallo sai voando, como um jato, uma rolha de garrafa.

Martim encara o pai, surpreso. Ruborizado, Fiallo recupera sua coloração pálida natural gradualmente. Respira fundo, se recompõe.

MARTIM

(surpreso)
Papai?! Sente-se bem?

FIALLO

O que foi? É a fome, homessa! (T)
Meu filho, nós precisamos
preparar um ataque àquela aldeia.
Preciso trazer, pelo menos,
metade daqueles índios para cá.

Martim dá alguns passos por ali, hesitante.

MARTIM

Pai, eu acho tão perigosa essa
ideia de querer escravizar os
indígenas... Eles são deveras
arredios, conhecem bem essas
matas como a palma de suas mãos.
(balança a cabeça)
Não sei...

FIALLO

Nós temos armas, Martim. Nós
temos influência, temos a
inteligência que eles não têm.
Confie em mim, meu filho. Nosso
plano vai dar certo, e eu preciso
de você!

Martim encara Fiallo. No seu semblante preocupado.

07. INT. ALDEIA - OCA GRANDE - NOITE.

Quantidade grande de indígenas espalhados pela oca. Todos dormem. Alguns dormindo em redes, outros em palha, no chão. Encontram-se crianças, homens, idosos.

CORTA PARA: Amary e Tainá sentadas em um canto. Conversam em tom baixo, sussurrado.

AMARY

Não vejo a hora de ter Iguapé
para meu marido. Comemos milho em
folhas de ipê...

TAINÁ

Muito bom comer milho no ipê, não
queima. (T) Quero muito o
casamento. Quero muita festa,
alegria.

AMARY

Amary há de ser muito feliz com
Iguapé. Hei de ter muito curumim
pra brincar por aí.

TAINÁ

Há de ficar com um barrigão...

AMARY

Hei de parecer uma capivara. É o
sonho de Amary ter um monte de
curumins, ensinar coisas boas,
ensinar a vida na mata. Iguapé há
de ser um homem muito feliz.

(sorri)

Amary ama Iguapé.

No sorriso de Amary.

08. EXT. AÉREO - MATA - DIA.

Takes do amanhecer. Os animais pela mata já em movimento.
Uma onça pintada caminha por entre as plantas. Um bicho
preguiça dorme grudado em uma árvore. Takes do rio: índios
jogando suas lanças na água.

09. EXT. MATA - DIA.

Amary e Iguapé andam de mãos dadas pela mata. Avistam
alguns pássaros, acenam para um macaco encontrado na copa
de uma árvore.

Amary não vê um buraco no chão e cai. Iguapé estende a mão
para ajudá-la a levantar. Os dois percebem que o buraco é
formado por uma árvore derrubada, cujas raízes ergueram a
terra. Outras árvores caídas fazem o mesmo.

Há um enorme buraco escavado mais adiante. Iguapé chega mais perto, Amary vai atrás. Os dois olham para dentro da depressão, encontrando buracos menores e bem fundos escavados. Há ainda animais mortos.

AMARY

O que é isso, Iguapé?

IGUAPÉ

Parece coisa de branco. Homem branco gosta de mexer na terra pra procurar ouro e matar a natureza.

AMARY

Homem branco é mau.

Iguapé segura nas mãos de Amary e a ajuda a atravessar o buracão. Os dois continuam caminhando juntos.

10. EXT. MATA - DIA.

Iberê utiliza uma pá para cavar um buraco na terra. Ele enxerga uma pedra e se abaixa. Percebe que não é preciosa. Irritado, atira a pedra longe.

IBERÊ

Iberê há de achar riqueza nessa terra maldita e ir embora viver com os brancos. Iberê não é bicho pra gostar de viver dentro da mata feito macaco.

Iberê larga a pá. Pega um machado largado sobre a terra e começa a acertar uma árvore para derrubar. No seu empenho.

11. EXT. ALDEIA - DIA.

Os homens saindo para a caça. Mulheres acendendo fogueira, outras, pintando o rosto. Crianças brincam.

Iguapé com um outro indígena. Conversam. Amary sai de sua oca. Olham-se. Amary vai se aproximar. Neste momento, o pajé entra em sua frente. Seu olhar é tenso, cortante.

AMARY

Pajé?!

O pajé encara Amary. Olhos firmes, de repreensão. Vira-se. Encara Iguapé. Iguapé tenso.

12. INT. ALDEIA - OCA DO PAJÉ - DIA.

Amary e Iguapé sentados em frente ao pajé. O pajé os encara com repreensão. Amary e Iguapé se olham furtivamente.

PAJÉ

Já sabem o motivo, não sabem?

AMARY

Amary e Iguapé iam contar tudo a pajé, mas/

IGUAPÉ

(interrompe)

A culpa foi minha. Iguapé é o culpado. Pajé não pode ficar irritado com Amary.

AMARY

Pajé bravo com Amary e Iguapé?

PAJÉ

Não, pajé não está bravo. Vocês foram feitos um para o outro, se completam. Chamei os dois para lhes dizer que abençoo a união.

Amary e Iguapé se olham, emocionados.

PAJÉ

Eu enxergo muito amor dentro dos olhos dos dois. Hão de haver um futuro bonito nessa união, com muita paixão e bondade. Pajé acredita que é isso o que os deuses querem.

Iguapé abraça Amary. Neles sorridentes e emocionados.

13. INT. ALDEIA - OCA - NOITE.

Iguapé despeja frutos de açaí em uma tigela de barro e passa a esmagá-los com um pilão. Iberê entra com suas ferramentas, atira tudo no chão e se senta em uma folha de bananeira.

IGUAPÉ

Iberê não catou frutos?

IBERÊ

Iberê não é bicho pra ficar caçando frutinha pra comer. Iberê gosta de carne, de comida feita com fogueira.

IGUAPÉ

Iberê fez o que o dia inteiro?

IBERÊ

Iberê caçou riqueza, ficou escavando terra em busca de pedras preciosas. Se branco consegue, por que Iberê não pode também?

IGUAPÉ

(larga o pilão)

Amary caiu em buraco. Iguapé viu árvore caída no chão. Iberê quer ficar rico derrubando árvore e matando a natureza?

IBERÊ

Quem gosta de natureza é deus Guaraci.

IGUAPÉ

Iberê sabe que não pode derrubar árvore e matar bicho, pajé brigou com Iberê uma vez.

IBERÊ

(peitando Iguapé)

Qual o problema? Iberê tem direito a ter riqueza, terra é de ninguém. Iberê quer ouro. Iguapé devia ajudar, é irmão de Iberê.

IGUAPÉ

Iguapé não quer riqueza, Iguapé
prefere natureza. Iberê se
comporta igual a homem branco do
mal e Iguapé vai contar tudo a
pajé.

IBERÊ

Iguapé não pode/

IGUAPÉ

Pode, sim. Natureza é mais
importante do que tudo. Sem
natureza, não temos água,
animais, ar para respirar e
sobreviver.

AÇÃO. Iberê alcança seu machado e avança em Iguapé, que recua. Iguapé pula em Iberê e segura sua mão com o machado. Iguapé acerta uma rasteira, derrubando Iberê no chão. Uma breve fumaça avermelhada sobe. Iberê permanece no chão desnorteado por um instante. Quando a fumaça se dissipa, Iguapé desapareceu.

14. INT. ALDEIA - OCA DO PAJÉ - NOITE.

Pajé cobre o tronco com uma espécie de manto de tecido e corre ao encontro de Iguapé. Ambos saem da oca para a área externa da aldeia. Alguns indígenas estão reunidos, parecem atordoados. Iguapé e pajé se aproximam de Tainá.

PAJÉ

Tainá, o que está acontecendo?

TAINÁ

Tainá não sabe, pajé. Iberê saiu correndo, derrubando tudo o que via pela frente. Ninguém sabe o motivo.

IGUAPÉ

Iberê fugiu. Pajé precisa fazer alguma coisa, Iberê quer desmatar a natureza pra encontrar ouro e ficar igual a homem branco. Iberê não ama natureza.

PAJÉ

Agora não adianta. Iberê deu para o mundo. Iberê há de voltar para acertar as contas com Iguapé e com aldeia.

IGUAPÉ

Iberê odeia Iguapé. Desde pequeno teve inveja porque Iguapé trazia peixe maior, Iguapé trazia mais frutos para sumo.

PAJÉ

Um dia, cada um vai plantar o que colhe. Os deuses sabem o que fazem, Iguapé. Sossegue seu coração.

Amary vem correndo ao encontro de Iguapé. Abraçam-se e se confortam mutuamente. O céu desagua, vertendo uma chuva forte e repentina. Os indígenas correm para suas ocas, se abrigoando do aguaceiro.

15. INT. CAVERNA - NOITE.

Iberê anda molhado pela caverna até se sentar em uma pedra. Sacode os cabelos para minar a água. Close no seu olhar cheio de ressentimento.

IBERÊ

Iberê não vai esquecer o que Iguapé fez. Iberê vai ficar na mata procurando por ouro e depois vai esmagar Iguapé e a aldeia quando estiver rico. Iberê vai ser igual homem branco.

Nele cheio de ódio.

16. EXT. AMBIENTE - RIO - DIA.

Amary e Iguapé nadam em meio às fortes correntes de água, ambos nus. Jogam água para o alto, dão longos mergulhos. Aproximam-se. Abraçam-se e dão um beijo de tirar o fôlego.

17. EXT. MATA - DIA.

Takes da mata, dos animais, do céu azul entre os galhos das árvores. Takes dos indígenas em suas atividades diárias.

É como se o tempo fosse passando. Os animais no meio da mata. Uma onça corre pela mata. Um tatu bola se enrolando em seu casco. Uma cobra se enrolando em um galho de árvore.

LETREIRO: UMA SEMANA DEPOIS.

18. INT. ALDEIA - OCA - DIA.

ÁUDIO OFF. Amary deitada em uma palha no chão. Uma indígena idosa diante dela. Passa uma pasta branca com uma textura espessa em seu corpo.

Uma segunda idosa entra, traz um cachimbo nas mãos. Entrega o cachimbo à primeira idosa, que bafora fumaça no rosto de Amary. Amary adormece, naquele mesmo instante, como em um passe de mágica. A idosa fala algumas palavras, enquanto continua soprando a fumaça no rosto de Amary.

19. EXT. CASA DE FIALLO - FACHADA - DIA.

Acássio e Brandão em cima de seus cavalos portando espingardas nas cinturas. Esperam na frente da casa de Fiallo. Mais dois cavalos amarrados em uma estaca de madeira.

Martim vem de dentro de casa ainda bocejando. Traz uma espingarda nas mãos.

MARTIM

Vosmecês madrugaram.

ACÁSSIO

Sáimos para caçar, Martim.
Passamos a noite toda fora.

MARTIM

Conseguiram alguma coisa, afinal?

BRANDÃO
Somente uma capivara.

MARTIM
E peixes?

ACÁSSIO
Ficou maluco? Nós não somos nem
loucos de chegar perto daquele
rio à noite. É perigoso.

MARTIM
(rindo)
Deixe de bestagem, rapaz. As
águas não são tão caudalosas
assim, não.

ACÁSSIO
(tenso)
Não é bestagem, não, seu Martim.
Vai dizer que nunca ouviu falar
em Jurupari? O demônio que se
transforma em serpente.

BRANDÃO
Dizem que ele também entra nos
sonhos.

MARTIM
Que bobagem! Tudo isso é uma
lenda desses bugres. (T) Venham!
Meu pai vos espera.

Os três seguem para dentro.

20. INT. CASA DE FIALLO - SALA - DIA.

Fiallo deitado em uma rede fumando um cachimbo. Martim,
Brandão e Acássio entram.

MARTIM
Pai!

Fiallo se levanta sobressaltado.

FIALLO
Que isso?! Mas tão cedo?

MARTIM

Passaram a noite caçando, pai.

Martim pega uma garrafa de aguardente e dois copos. Serve a Brandão e Acássio enquanto dialogam. Muito movimento.

MARTIM

(cont.)

Quer dizer, mais ou menos. Eles acreditam em uma tal lenda que os bugres contam. Uma história de um demônio que vira uma cobra! Vê se pode!

FIALLO

Aposto que se trata da lenda do Jurupari. Já ouvi muito quando era criança, e digo mais: eu acredito!

MARTIM

Até tu acreditas nisso, pai?

FIALLO

Não coloco minha mão no fogo. Segundo os índios, Jurupari é um deus das trevas, ao contrário de Tupã, que é considerado o deus da bondade. Na bíblia não tem Deus e o Diabo? Pois bem, é quase a mesma coisa. Dizem que Jurupari mora nas profundezas do rio e se transforma em serpente.

MARTIM

(rindo)

Oh, céus, quanta bobagem.

ACÁSSIO

Eu não acho que seja bobagem, não. Eu acredito.

BRANDÃO

Eu também. É como disse o seu Fiallo... Não coloco a minha mão no fogo.

Martim meneia a cabeça, achando uma bobagem.

21. INT. ALDEIA - OCA DO PAJÉ - DIA.

Amary e Iguapé sentados em uma palha no chão diante do pajé. Amary com o rosto e o corpo pintados. Traços pretos e vermelhos. Os olhos com o entorno preto. Iguapé também com o corpo e rosto pintados, mas em menor quantidade.

PAJÉ

Que a união de vocês seja guiada
pelo sol, pela lua, pelo tempo...
Que as árvores, os animais e a
terra sejam testemunhas desse
amor.

O pajé entrega a Amary e Iguapé uma corrente feita com tronco de árvore e palha.

PAJÉ

Este amuleto é o símbolo da união
de Iguapé e Amary.

Amary e Iguapé pegam o amuleto, enrolam no pulso. Olham-se e sorriem um para o outro.

Um vento forte surge de repente, sopra tudo o que encontra. Iguapé abraça Amary como se tentasse protegê-la. Um sino dos ventos é sacudido com força, caindo sobre o piso.

PAJÉ

Esta ventania é um sinal. Um
sinal bem claro.

AMARY

Sinal de que, pajé?

No pajé apertando os olhos.

22. EXT. ALDEIA - DIA.

Cinco mulheres de meia idade em volta de Amary, formando um círculo. Do outro lado, cinco homens de meia idade em volta de Iguapé, também formando um círculo. Eles giram, cantando uma espécie de música, um ritual. Amary e Iguapé de olhos fechados enquanto o movimento é feito.

23. EXT. MATA - NOITE.

Takes do anoitecer. No céu, o sol se transforma em lua. O movimento dos animais pelas matas. Onça pintada, lobo guará, tucano transitam pela mata.

24. INT. OCA - NOITE.

Iguapé por cima de Amary a beijando. Afasta-se. Sorriem um para o outro.

IGUAPÉ

Amanhã, Iguapé leva Amary para nossa oca. Casa de Iguapé agora é de Amary também.

AMARY

Iguapé, Amary quer fazer um pedido.

IGUAPÉ

Amary pode fazer qualquer pedido para Iguapé.

Amary se senta na rede. Coloca as mãos na própria barriga. Encara Iguapé, apreensiva.

AMARY

O pedido é pra Tupã. Amary quer um curumim, Iguapé. Amary sabe que ainda está muito cedo, mas quer. É um sonho antigo, e Amary sabe que Iguapé pode realizar.

IGUAPÉ

Não tá cedo, não. Iguapé também deseja um curumim. Vamos pedir um filho a Tupã, ele há de nos ouvir e conceder nosso desejo.

Amary sorri.

25. EXT. MATA - AMBIENTE - NOITE.

Iguapé e Amary ajoelhados diante de uma enorme árvore. Os galhos formam na árvore uma aparência assustadora. É como se, nos olhos de quem visse aqueles galhos, aquelas folhas formassem um rosto ou qualquer outra figura aterrorizante.

Iguapé e Amary fazem um movimento sincronizado: levantam a cabeça, de olhos fechados, em seguida erguem a cabeça para o alto para abrirem os olhos. O movimento é repetido três vezes. Eles se olham. Um vento forte toma a mata. As folhas da enorme árvore começam a balançar.

Iguapé e Amary continuam se olhando, sem se importar com o forte vento que só aumenta. Amary e Iguapé sorriem um para o outro. Iguapé repousa a mão sobre a barriga de Amary.

IGUAPÉ

Aleguerrê! Amary e Iguapé
abençoados.

Amary sorri.

26. EXT. IMAGENS - NOITE/DIA.

O céu se transforma. Takes do amanhecer pela mata, do movimento dos animais, das águas correndo sem parar no rio, das nuvens passeando pelo céu ensolarado.

27. EXT. ALDEIA - DIA.

Tainá de cócoras, com um tacho e um macete nas mãos. Bate com o macete em alguns mamões que estão dentro do tacho. Amary se aproxima.

AMARY

Tainá! Tainá!

TAINÁ

Amary! Como foi na última lua?
Tainá quer saber de tudo. Tainá é
bicho da língua grande, não
aguenta de curiosidade.

AMARY

(animada)

Foi uma noite muito bonita para Amary. Amary fez prece ao deus Tupã junto com Iguapé.

Tainá sorri.

AMARY

(cont.)

Iguapé e Amary pediram um filho a Tupã.

TAINÁ

(espantada)

Já querem ter curumim?

AMARY

(com a mão na barriga)

Já sinto que Tupã ouviu. Amary muito, muito feliz. Iguapé quer realizar sonho de Amary.

O pajé sai de sua tenda. Está sério, esboçando certa preocupação. Avista Amary e Tainá. Aproxima-se. Amary e Tainá o encaram de volta, não com medo, mas demonstrando respeito.

PAJÉ

(tenso)

Amary, te espero junto a Iguapé em minha tenda. Procure por ele, e venham até mim. Não demorem, é importante.

O pajé sai. Amary e Tainá se entreolham, tensas. Em Amary aflita.

28. INT. CASA DE FIALLO - SALA - DIA.

Fiallo dorme em uma rede. Martim vem da cozinha com sua espingarda na cintura. Espanta-se ao ver Fiallo dormindo.

MARTIM

Dormindo até agora?!

Martim se aproxima. Chacoalha Fiallo.

MARTIM

Pai! Acorda, pai! Acorda...

Fiallo abre os olhos, assustado.

FIALLO

Que horas são?

MARTIM

A gente ficou de ir ver os homens para o ataque aos bugres...

FIALLO

Ah, é verdade, eu já estava me esquecendo disso.

Martim se aproxima de uma garrafa de aguardente sobre um móvel. Abre, serve um copo e bebe um gole.

Fiallo se levanta, ainda sonolento. Arrasta os pés pelo cômodo até Martim, que serve outro gole de bebida no copo. Fiallo arranca o utensílio de sua mão e bebe um gole.

FIALLO

Martim, se nós conseguirmos com que esses acéfalos se tornem nossos escravos, nós estamos feitos. Vou colocá-los para escavar essa terra bruta até encontrarem riquezas. Esses terrenos hão de reservar uma fortuna. Nosso nome chegará longe, até a corte, até os aposentos reais...

MARTIM

E o rei de Portugal há de nos conhecer... Eu hei de me casar com uma nobre de verdade. Mas, pai, o senhor acredita mesmo que possa haver alguma riqueza por aqui? Uma terra tão bruta, tão virgem... Realmente acredita haver pedras preciosas por essas bandas?

FIALLO

Esses índios são arredios. Eles conhecem essas matas como a palma das mãos. E tu bem sabes que os primeiros portugueses vieram para este fim de mundo em busca das riquezas da terra. Há de ter muito minério a ser explorado.

MARTIM

Ainda não estou certo de que se trata de uma boa ideia. Os indígenas são agressivos. Eles não possuem armas de fogo, meu pai, entretanto eles conhecem bem a mata, fazem armadilhas... Mas nós possuímos o bem intelectual.

Fiallo pega a garrafa de aguardente das mãos de Martim. Toma um gole, serve o copo e logo arremata:

FIALLO

Intelectualidade em momentos de guerra não tem serventia.

MARTIM

É claro que tem. A manipulação começa na mente.

FIALLO

Não vou gastar saliva tentando fazer acordo com um bando de figuras semidespidas.

MARTIM

É preciso que uma pessoa bem preparada faça isso. É por isso que eu não acredito nessas lendas que eles inventam... Deus Tupã, demônio Jurupari que entra nos sonhos dos outros e se transforma em serpente... Tudo isso, para mim, é pura lorota!

Martim sai. Em Fiallo pensativo.

29. INT. ALDEIA - TENDA - DIA.

Iguape e Amary sentados em frente ao pajé. Iguapé e Amary amedrontados, mas discretos. O pajé os encara, sério.

PAJÉ

Amary e Iguapé fizeram algo perigoso. Perigoso para a aldeia, para todo mundo e principalmente para os dois.

IGUAPÉ

(tenso)
O que Iguapé fez de errado?

PAJÉ

Fizeram um pedido ao deus Tupã sem me avisar antes.

IGUAPÉ

Mas é pedido bom/

PAJÉ

(interrompe / altivo)
Não importa! O pedido pode oferecer perigo. Pode desequilibrar o ritmo natural das coisas, do destino.

Silêncio. Amary e Iguapé se entreolham, preocupados. O pajé sério, sem tirar os olhos deles.

PAJÉ

Qual foi o pedido?

Amary e Iguapé se entreolham mais uma vez, até que ela toma a iniciativa.

AMARY

Amary mais Iguapé pediu um curumim ao deus Tupã.

PAJÉ

Um curumim... Que o pedido seja realizado!

Amary e Iguapé se entreolham mais uma vez, com o semblante leve. Sorriem um para o outro.

PAJÉ

Não faz mais pedido a Deus Tupã
sem Pajé, pode ser perigoso.

Amary e Iguapé balançam a cabeça em positivo ao pajé.

30. EXT. RIO - DIA.

Takes. Iguapé e Amary nus, abraçados no rio. Sorriem. Mergulham. Ao subir novamente à superfície, Amary aparece com uma barriga média, simbolizando alguns meses de gestação.

O casal mergulha novamente e, ao retornar à superfície, Amary surge com uma barriga ainda maior, de aproximadamente nove meses.

IGUAPÉ

(V.O.)

Nosso curumim há de se chama
Coaraci.

Iguapé e Amary se beijam, apaixonados.

31. INT. ALDEIA - OCA - DIA.

Amary de cócoras, suando frio. Duas indígenas mais velhas ao seu lado. Amary faz força, grita, geme de dor. Veias saltam no seu pescoço e testa. A cabeça do bebê começa a aparecer.

PARTEIRA

Aniquiurara!

Amary sorri. A segunda indígena mais velha passa um pano úmido com suavidade no rosto e cabeça de Amary, que segue gritando e fazendo força a ponto de ficar avermelhada.

A parteira puxa o bebê pela cabeça com cautela. A criança irrompe a chorar. Amary sorri, emocionada. A parteira pega a criança nos braços, a segunda usa uma faca para cortar o cordão umbilical.

Iguapé entra, ansioso. Aproxima-se de Amary. Pega a criança dos braços da parteira. Olha para o bebê, emocionado. Levanta o menino para o alto.

IGUAPÉ

Nasceu! Nasceu Coaraci!

Os olhos negros de Coaraci.

CORTA PARA: Amary deitada em uma rede com Coaraci no colo.

PAJÉ

(V.O.)

Que olhos lindos possui o
curumim! Os olhos mais lindos já
vistos. Um par de olhos negros
abençoados por Tupã.

Close nos olhos de Coaraci. Olhos lindos, pretos, com um brilho diferente, até um pouco sobrenatural.

32. EXT. CASA DE FIALLO - FACHADA - DIA.

Mais ou menos 15 portugueses na frente da casa de Fiallo. Todos acabaram de chegar de Portugal. Algumas malas no chão. Roupas pesadas, feitas de tecidos diferentes, até um pouco coloridas.

Fiallo na varanda da casa, de modo altivo. Martim, Acássio e Brandão ao lado dele. Fiallo toma a frente, aproximando-se dos homens.

FIALLO

Sejam bem-vindos à minha casa.

MARTIM

Dar-lhes-ei conforto, comida,
moradia. E, em breve, terras.
Serão homens ricos, com posses,
se cumprirem a missão a qual
foram selecionados.

DIOGO

Onde estão os bugres?

Martim e Fiallo se entreolham.

MARTIM

Falaremos sobre isso, dom Diogo.
Mas, antes, nós iremos acomodá-
los.

Os homens começam a adentrar a residência.

33. INT. CASA DE FIALLO - SALA - DIA.

Na sala há uma espécie de sofá feito de madeira. Movimento. Fiallo e Diogo sentados no sofá. Martim de pé, atrás de Fiallo. Brandão e Acássio ajudando os outros portugueses com os pertences.

DIOGO

(espantado)

Estás a insinuar que os bugres
são mais inteligentes que nós,
homens brancos? Mas isso é um
disparate!

MARTIM

Não é isso, dom Diogo, ele está
apenas querendo dizer que os
indígenas possuem mais
conhecimento da terra do que nós.
Eles conhecem essas matas melhor
do que ninguém.

DIOGO

Eles possuem arma de fogo?

MARTIM

Não. Possuem apenas algumas
lanças, flechas feitas por eles
mesmos. Nós precisamos preparar o
ataque.

FIALLO

Já estamos há quase um ano
esperando por esse momento. A
gente invade a aldeia, captura os
indigentes e faz deles nossos
escravos!

Fiallo determinado.

34. EXT. IMAGENS - ALDEIA - DIA.

Takes. Coaraci já com um ano de idade. Muito esperto, o menino engatinha. Enxerga uma capivara o observando detrás de uma árvore. Coroaci se põe de pé e vai atrás, porém o animal foge açodado.

CORTA PARA: Coroaci nos braços da mãe. O menino sorri ao ser levantado. Amary abraça o filho com força.

CORTA PARA: Coroaci já com uns três anos de idade. Muito ágil, corre até uma árvore e começa a subir junto à uma criança maior. Tainá e Amary observam.

TAINÁ

Como os olhos de Coroaci são bonitos. Parece que Coroaci tem uma lua no lugar dos olhos.

AMARY

(emocionada)

Uma linda lua! Coroaci é abençoado por Tupã.

Em Coroaci caindo de bumbum no chão e tentando escalar a árvore mais uma vez.

35. INT. ALDEIA - TENDA - DIA.

Amary, Iguapé e Coroaci diante do pajé. Os três se sentam em folhas de bananeira sobre o chão de barro.

PAJÉ

Coroaci precisa ser protegido.

AMARY

Por que Pajé diz que Coroaci precisa ser protegido?

PAJÉ

Pajé sabe. Pajé sente. Pajé sente e sabe que Coroaci é o escolhido. Menino precisa ser defendido.

AMARY

Foi deus Tupã que mandou menino
Coroaci pra nós.

PAJÉ

É por isso que Pajé tem medo.
Coroaci precisa ser vigiado, bem
cuidado.

AMARY

Mas Amary cuida bem de Coroaci.
Amary confia em Tupã. Tupã há de
proteger. Coroaci filho de Tupã
também.

PAJÉ

Menina Amary não entende. Os
olhos de Coroaci trazem mistério.
Mistério que pode atentar a ira
do mal. Mistério que atrai
inveja.

Amary e Iguapé olham para Coroaci. Close nos olhos negros,
brilhantes, sobrenaturais do menino.

36. EXT. ALDEIA - DIA.

Iguapé diante de dois homens altos e fortes. Amary com
Coroaci no colo.

IGUAPÉ

Ocês hão de vigiar Coroaci, hão
de proteger ele. Pajé mandou
cuidar e proteger Coroaci. Olhos
de curumim atraem o mal.

AMARY

Não hão de deixar bicho e nem
gente estranha chegar perto do
curumim. Pajé disse que coisas
ruins podem acontecer.

IGUAPÉ

Coroaci traz mistério...

Iguapé olha para os olhos de Coroaci.

IGUAPÉ

(cont.)

Mistério no olhar. Um mistério
que ninguém sabe.

Nos olhos negros e brilhantes do menino.

37. EXT. MATA - DIA.

Acássio e Brandão cavalgam devagar. Acássio fareja algo, usa o tecido da camisa para proteger o nariz. Brandão curva o braço diante do rosto.

BRANDÃO

Que fedor carniceiro é esse?

ACÁSSIO

Parece futum de bicho morto.

Eles continuam cavalgando na direção de alguns buracos. Encontram árvores tombadas e animais mortos, além de escavações na terra.

De repente, uma flecha atinge uma árvore, passando rente ao rosto de Acássio. Os dois sacam seus revólveres. De longe, avistam Iberê de arco e flecha em mãos.

IBERÊ

Essa terra é de Iberê. O que
brancos fazem na terra de Iberê?

BRANDÃO

Essa terra não tem dono, estamos
em uma floresta. Baixe esse arco,
senão eu atiro.

IBERÊ

Se atirar, Iberê dispara flecha.
Iberê tem boa pontaria, acerta
peito de homem branco.

ACÁSSIO

O que fazes aí sozinho? Por acaso
procuras... ouro?

Acássio e Brandão riem.

IBERÊ

Iberê sabe mexer na terra, há de encontrar pedra preciosa. Iberê vai ficar rico igual homem branco.

ACÁSSIO

Ouça, Brandão, que disparate...

BRANDÃO

Não, Acássio, preste atenção. Esse indígena pode ser de grande valia para nós.

Os olhos de Brandão crescem para Iberê.

BRANDÃO

Iberê quer fazer pacto com branco? A gente pode te dar bastante dinheiro e te tornar rico se prometer nos ajudar.

ACÁSSIO

Vai ter coragem de trair teu próprio povo?

Em Iberê sério.

38. INT. CASA DE FIALLO - SALA - DIA.

Martim serve um copo de aguardente para Iberê. O indígena bebe de uma vez, faz careta e cospe a bebida no chão.

FIALLO

Indígena acéfalo! Não sabe sequer tomar um gole de bebida?

IBERÊ

Iberê veio falar de ouro ou tomar bebida esquisita?

MARTIM

Brandão me disse que tu tens interesse em tirar a terra dos indígenas para escavar ouro. É verdade?

IBERÊ

Aldeia virou as costas para Iberê, agora Iberê quer destruir aldeia para conseguir ouro. Não importa natureza, Iberê quer ser igual homem branco.

FIALLO

Como você pode nos ajudar a invadir a aldeia?

IBERÊ

Iberê conhece armadilhas em torno da aldeia. Homem branco não sabe. Pisa errado e machuca o pé. Iberê sabe onde pisar. Também sabe a hora em que a aldeia dorme.

MARTIM

Brandão foi genial em te trazer pro nosso lado. Vamos chamar mais homens para a invasão daquelas terras. Iberê vai nos guiar no caminho certo.

FIALLO

É... Devo admitir que é uma ótima ideia. Finalmente vamos poder escravizar aqueles índios pra cavarem atrás de ouro por nós. Vamos ser ricos! Muito ricos!

IBERÊ

Iberê quer ser muito rico também. Iberê tem um plano. Iberê quer matar o pajé. Pajé é sábio, fica mais fácil sem ele.

Em Fiallo sorridente.

39. EXT. ALDEIA - DIA.

Iguapé amola seu machado em uma pedra. Coroaci assiste ao pai arrancando um galho de bananeira, derrubando vários cachos de bananas. Iguapé pega uma, descasca e entrega ao filho, que começa a comer.

De longe, escondido atrás de uma árvore, Iberê enxerga Iguapé fazendo cócegas em Coroaci. O curumim gargalha e cai no chão, recebendo cócegas do pai. Iguapé ri junto.

IBERÊ

Iguapé tem curumim, é feliz,
enquanto Iberê dorme numa caverna
fria e é rechaçado por aldeia. Os
deuses são injustos com Iberê,
mas Iberê vai se vingar. Iberê
sabe quem vai ouvi-lo.

Iberê encara Coroaci e enxerga seus olhos negros e muito brilhantes.

40. EXT. RIO - DIA.

Iberê se aproxima do rio, molha os dedos e passa na testa. Ergue a cabeça para o alto, fechando os olhos e se concentrando. Algumas pedras na beira do rio começam a tremer como se recebessem uma energia muito forte.

IBERÊ

Ó, Jurupari, leve o curumim de
Iguapé. Observe seus olhos, são
cheios de energia e vitalidade.
Leve o curumim como um sacrifício
e ficarás mais forte que Tupã.
Serás um deus imbatível.

Um trovão ecoa, mesmo com o céu ensolarado. As nuvens parecem correr apressadas pelo azul brilhante acima das árvores.

IBERÊ

(cont.)

Leve o curumim consigo, ele te
dará a força necessária para se
tornar o mais poderoso de todos
os deuses. Iberê confia em ti,
Jurupari. Iberê garante. Iberê
faz esse apelo e confia em ti.

Ventos fortes sopram os cabelos de Iberê, as folhas das árvores e as águas do rio. Iberê une as duas mãos como em

uma oração. As pedras param de tremer. No céu ficando acinzentado.

41. EXT. ALDEIA - DIA.

O pajé fala diante de Amary, Tainá e outras mulheres. Surge a forte rajada de vento. O pajé olha para o céu e flagra as nuvens cinzentas que se aproximam.

TAINÁ

O que está acontecendo, pajé?

PAJÉ

Forças muito fortes. Muito, muito fortes. Elas estão se aproximando e não possuem boa intenção.

O pajé sai apressado rumo à sua oca.

42. INT. ALDEIA - OCA DO PAJÉ - DIA.

O pajé está de joelhos, com os olhos fechados e a cabeça inclinada para o céu. Uma fumaça branca começa a emanar por baixo dele.

Em seguida, uma fumaça preta começa a emanar também do chão, sendo fundida com a fumaça branca, formando uma cor acinzentada. O pajé começa a ter alguns tremeliques. A cada tremelique, solta um gemido.

Do meio da fumaça, vemos um ser com uma espécie de vestido feito de folhas brancas. O ser está coberto por aquilo por completo, apenas os olhos estão à mostra. Sua voz é calma, tranquila.

TUPÃ

Dei ao menino Coroaci olhos de guerreiro. Ele é fruto do amor de Iguapé e de Amary, um amor muito grande. Tão grande que carecia de outro corpo para habitar, não cabia nos corações deles. O pedido dos dois por um filho foi

sincero, por isso eles foram ouvidos e abençoados.

O deus Tupã desaparece do meio da fumaça. Lentamente, a fumaça branca vai desaparecendo e, daquela mistura acinzentada, resta apenas a fumaça escura.

Do meio da fumaça negra surge um ser também coberto por uma espécie de vestido preto, mas no lugar de olhos humanos, estão os olhos de uma serpente.

O pajé continua com os olhos fechados, em transe, tendo alguns tremeliques. A voz de Jurupari é grave, cavernosa, dando até um certo eco.

JURUPARI

Em toda a minha existência, nunca vi alguém com olhos tão bonitos como esse pequeno curumim. Eu quero os olhos dele pra mim.

Jurupari começa a gritar. Sua voz parece aumentar ainda mais e o pajé começa a se contorcer como se estivesse tendo uma convulsão.

JURUPARI

(cont. / gritando)

Eu quero os olhos dele! Eu quero!
Eu quero! EU QUERO!

Com este último grito, o pajé cai ao chão. A fumaça começa a desaparecer. Close no pajé caído. Tempo. Ele abre os olhos. Ainda assustado, tampa os ouvidos, como se os gritos de Jurupari ainda fossem audíveis.

43. EXT. MATA - NOITE.

Takes do anoitecer na mata. O sol se transforma em lua. Take da fachada da casa de Fiallo.

44. INT. CASA DE FIALLO - SALA - NOITE.

Fiallo, Martim, Acássio, Brandão, Diogo e outros portugueses espalhados por ali.

MARTIM

Espero que todos estejam preparados. Amanhã será o ataque à aldeia.

FIALLO

De amanhã não passa. Nós iremos vencer aqueles bugres. Tomaremos suas terras e faremos deles nossos escravos.

DIOGO

Destruiremos os indígenas!

Martim, Diogo e Fiallo decididos.

45. INT. ALDEIA - OCA DE IGUAPÉ - NOITE.

Amary e Iguapé dormem em uma rede enquanto Coroaci dorme em outra menor ao lado dos pais.

Uma fumaça preta em forma de redemoinho começa a surgir. Do meio desta fumaça, Jurupari aparece. Close nos olhos de serpentes horripilantes. Ele se aproxima lentamente da rede onde está Coroaci.

46. EXT. MATA - NOITE.

SUSPENSE. Iberê, Fiallo, Martim, Acássio, Brandão, Diogo e os outros homens caminham armados pela mata. Com certa cautela, pisam em arbustos e pedras, destemidos, apressados, com um brilho maligno nos semblantes.

Iberê para de repente e aponta para uma espécie de corda transpassada entre duas árvores. Fiallo faz menção de tocar na corda com o pé, porém Iberê o impede.

IBERÊ

Não pode puxar essa corda, a menos que queira ficar pendurado de cabeça pra baixo feito roedor abatido. Armadilha serve pra caçar bicho também, não só pra branco descuidado.

Iberê passa as pernas por cima da corda, os demais homens fazem o mesmo.

47. INT. ALDEIA - OCA DO PAJÉ - NOITE.

O pajé deitado em um pedaço de palha no chão. De repente, ele abre os olhos assustado, como quem acabou de acordar de um pesadelo.

PAJÉ
(desesperado)
Preciso impedir que isso
aconteça.

O pajé se levanta. Ao se virar para a saída da porta, vemos Iberê com uma flecha já apontada para o pajé.

PAJÉ
Não faça isso! Está possuído pela
inveja e pelo ressentimento! Não
faça isso/

A flecha é atirada. Voa no peito nu do pajé. O pajé cai, gemendo de dor. Ajoelhado, ele testemunha as mãos cheias de sangue.

Iberê sai apressado. Antes de deixar a oca, olha bem para os lados e corre com discrição rumo à mata.

48. INT. ALDEIA - OCA DE IGUAPÉ - NOITE.

Jurupari observando Coroaci. Iguapé e Amary dormem.

Jurupari começa a se transformar inteiramente em uma serpente. Ergue a cabeça e fica de pé como uma cobra naja. Começa a enrolar no pescoço de Coroaci.

49. EXT. MATA - NOITE.

Takes da escuridão da mata. Onças caminham, serpentes rastejam, lobos guarás brincam. A voz de Amary ecoa pela

imensidão da mata. Não é um grito, mas uma voz gemida repetindo:

AMARY

(V.O.)

Filho! Filho! Filho...

Uma macaca amamentando e ninando seu filhote parece ouvir o desespero de Amary e se assusta.

50. EXT. ALDEIA - NOITE.

Os indígenas todos ali em volta. Close na tristeza, nas lágrimas estampadas no rosto de alguns deles. Tainá chora.

Coroaci deitado, já morto em uma espécie de tábua. Amary e Iguapé ajoelhados diante dele. Choram de maneira contida, calada. A expressão de Amary é de puro sofrimento, de dor. Sua bochecha está empapada de tantas lágrimas.

O pajé se aproxima, sem camisa, com a flecha no peito. Ao ver o pajé, todos se desesperam. Iguapé se levanta.

IGUAPÉ

Pajé, levaram nosso menino!

PAJÉ

(arfando, fala com dificuldade)

Não levaram, não, Iguapé. Não levaram...

IGUAPÉ

Levaram! Ele não está mais conosco.

O pajé olha ao redor.

PAJÉ

Ouçam todos! Menino Coroaci veio com missão. Missão de salvar nós.

Amary se levanta com lágrimas nos olhos.

AMARY

(gritando)

Meu menino morto? Morto?!

PAJÉ

O mal nunca vence o bem. Tupã sabe bem o que faz. Os olhos de Coroaci precisam ser arrancados e plantados na terra. Escutem o pajé.

TENSÃO. Todos se entreolham, pasmos.

IGUAPÉ

(lágrimas nos olhos)
Iguapé não vai deixar arrancar os olhos do curumim.

O pajé se aproxima.

PAJÉ

A vingança é do deus Tupã, Iguapé. Ele sabe o que faz. Ele pediu para arrancar os olhos e plantar. Os olhos de Coroaci vão se transformar em um fruto, um fruto que há de trazer alegrias e vitórias.

Iguapé olha para Amary, que balança a cabeça em negativo.

CORTA PARA: Amary já aos berros, sendo segurada por Tainá e outra mulher. Iguapé com uma lança diante do corpo de Coroaci. Olha para o pajé, bem ao seu lado.

PAJÉ

Tenha coragem, meu filho! Ele não há de sentir dor alguma. A alma já não está mais com o corpo. Ouça minhas palavras. Siga o que estou dizendo, antes que pajé perca as forças e não possa mais te guiar.

Iguapé abre o olho direito de Coroaci. Recua. Respira fundo e aproxima a ponta da sua lança do olho de Coroaci.

CORTA PARA: os olhos de Coroaci nas mãos do pajé, sob os gritos de Amary. O pajé sai em direção à mata. Iguapé se aproxima de Amary para abraçá-la enquanto ela chora.

51. EXT. MATA - NOITE.

O pajé caminha pela mata com as mãos abertas, trazendo os olhos de Coroaci em cada uma delas. Seu peito ainda sangra. O pajé olha para um pedaço de terra vazio que tem por ali. Aproxima-se do local.

Coloca o olho que está na mão direita junto com o que está na mão esquerda. Com a mão direita, começa a cavar um buraco na terra.

CORTA PARA: um buraco de pequenas proporções já cavado. O pajé coloca os dois olhos ali, em seguida enterra. Ele olha para o céu, e alguns pingos de chuva começam a desabar. Nuvens escuras surgem quase magicamente.

52. EXT. ALDEIA - NOITE.

Uma chuva forte cai. Amary e Iguapé ainda diante do corpo de Coroaci. Tainá alheia. Apenas alguns indígenas ainda ali. O pajé se aproxima.

PAJÉ

Essa chuva simboliza as lágrimas de Tupã. Mas a alegria não de vir pela manhã. Os ventos dizem que a noite há de ser longa.

No pajé muito sério.

53. EXT. IMAGENS - MATA - NOITE.

A chuva começa a cessar. Close o lugar onde os olhos de Coroaci foram enterrados. Ali, há uma planta com lindos frutos, parecidos com os olhos do menino desabrochando.

54. EXT. ALDEIA - NOITE.

SUSPENSE. Iberê, Fiallo e Martim se aproximam da aldeia e a enxergam atrás de algumas árvores. De longe, veem Amary chorando copiosamente.

IBERÊ

Iberê trouxe homem branco até
aldeia, agora Fiallo vai dar
riqueza para Iberê.

FIALLO

Achou mesmo que poderia se tornar
um branco como nós, seu bugre?
Nós temos sangue fino, ao
contrário de ti.

IBERÊ

Iberê ajudou branco, agora branco
ajuda Iberê. Branco não tem
palavra?

FIALLO

Tenho, mas também tenho uma faca.

Num movimento rápido, Fiallo saca uma faca afiada da
cintura e corta a garganta de Iberê. O indígena sangra
bastante enquanto cai devagar, em silêncio. Fiallo assiste
com prazer.

Iberê tenta estancar o sangue com as mãos, melando-as
bastante. O indígena cai deitado sobre o chão enquanto uma
poça de sangue se forma ao redor do seu corpo. Seu corpo
tem espasmos. Iberê tenta gritar, não consegue.

Sua cabeça pende para um lado, seus olhos ficam vidrados.
Seus olhos se enchem de sangue, ficando totalmente
vermelhos. Em Fiallo satisfeito.

55. EXT. MATA - NOITE.

Todos os indígenas em volta da bela planta com frutos
parecidos com olhos.

PAJÉ

Os olhos de Coroaci agora são um
fruto, um fruto que vai trazer
muita força para a nossa aldeia.
Guerreiros, comam o fruto! Comam
o fruto que ele há de nos salvar!

Os índios trocam olhares, olham para o fruto.

56. EXT. ALDEIA - NOITE.

Dois indígenas trazendo uma cesta cheia do fruto. De um lado, homens pintam seus rostos, do outro, mulheres juntam uma quantidade enorme de lanças. Uma música épica toca ao fundo, enquanto os takes passam.

CORTA PARA: Fiallo, Martim, Diogo, Acássio, Brandão e os portugueses caminhando em direção à aldeia com suas armas na cintura.

CORTA PARA: os indígenas pegando suas flechas, comendo o fruto e se preparando para a luta. Fiallo e seus homens se aproximam. Close na aldeia vazia, sem pessoas, como se estivesse abandonada.

FIALLO

Diacho! Cadê esses bugres?

Os indígenas saem de trás das matas que cercam a aldeia e de trás das ocas. Cercam Fiallo. Apontam as flechas. Encaram-se. Clima de guerra. Corta para o céu. Nele vemos refletida a imagem de Coroaci e ao seu lado um fruto, o guaraná.

TELA ESCURECE.